

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA

MÁRIO HUDSON DE AQUINO TAVARES

PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELOS PROPRIETÁRIOS DE CÃES
ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFCG

PATOS

2016

MÁRIO HUDSON DE AQUINO TAVARES

PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELOS PROPRIETÁRIOS DE CÃES
ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFCG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina Veterinária do Centro de Saúde e Tecnologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande como exigência parcial da obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Melania Loureiro Marinho

PATOS

2016

MÁRIO HUDSON DE AQUINO TAVARES

PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELOS PROPRIETÁRIOS DE CÃES
ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFCG

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Medicina
Veterinária do Centro de Saúde e
Tecnologia Rural da Universidade
Federal de Campina Grande como
exigência parcial da obtenção do título
de Bacharel em Medicina Veterinária

Orientador(a): Prof^a. Dr^a Melania
Loureiro Marinho

Banca examinadora:

Data da aprovação: 23/02/2016

Orientadora: Prof^a. Dr^a Melania Loureiro Marinho

Prof^a. Dr^a Maria das Graças Veloso Marinho

Msc. Rosileide dos Santos Carneiro

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CSRT DA UFCG

T231p Tavares, Mário Hudson de Aquino
Plantas medicinais usadas pelos proprietários de cães atendidos
no Hospital Veterinário da UFCG / Mário Hudson de Aquino Tavares.
– Patos, 2016.
41f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Veterinária) –
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e
Tecnologia Rural, 2016.

“Orientação: Profa. Dra. Melania Loureiro Marinho”

Referências.

1. Plantas. 2. Fitoterapia. 3. Alopáticos. 4. Cultura local.
5. Biodiversidade. I. Título.

616:619

CDU

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a meus pais Marinho (*in memorian*) e Neide, minhas irmãs Amanda e Arianne e minha tia Nadir por terem me dado suporte psicológico, emocional e financeiro durante todo o curso.

Agradeço ao meu cachorro Bart por ter feito despertar o amor pelos animais e com isso a escolha de cursar Medicina Veterinária. Agradeço também a todos os animais, os seres mais puros da terra.

Agradeço à maioria dos meus professores, em especial as professoras Melania Loureiro Marinho e Maria das Graças Xavier, foram minhas mães dentro do ambiente acadêmico.

Agradeço às clínicas Canifel (Dr Henrique) e Clivet (Dra Tarcila, Dr Marcelo, Dr Paulo Sostenes e Dra Thayse) por terem concedido espaço e tempo em suas clínicas para estágios. O conhecimento que adquiri com vocês foi impagável.

Por fim agradeço muito a todos meus amigos que fiz durante minha moradia em Patos, porém prefiro não citar nomes, pois não são poucas as pessoas. Vocês foram a minha família nesta terra que me acolheu de braços abertos, sem vocês a cidade de Patos não teria sido tão divertida e acolhedora de se morar. Muito obrigado a todos.

“And Now My Watch Begins (E Agora Começa a Minha Vigia)”. Game Of Thrones – Patrulha da Noite

RESUMO

Desde o começo da humanidade o ser humano utiliza plantas e seus extratos para a cura e prevenção de quase todas as doenças. Os fitoterápicos são medicamentos originados exclusivamente de material botânico com objetivo de tratamento médico de alguma enfermidade. Desta forma, este trabalho teve como intuito de obter informações sobre a casuística de pessoas que fazem uso de plantas medicinais em seus cães, bem como o conhecimento de quais plantas são utilizadas para tratamento das diferentes enfermidades que acometem os animais. A fitoterapia popular hoje nada mais que é um conjunto de vários conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, sendo uma alternativa optada por milhares de brasileiros que não tem acesso às práticas médicas oficiais, devido principalmente aos altos custos, quando se fala a respeito de consultas médicas e aquisição de medicamentos alopáticos convencionais. Resumidamente, o que está em falta hoje não é o número de materiais usados na medicina popular, pois os biomas do Brasil são ricos em biodiversidade e cultura; mas sim estudos científicos sobre cada uma das plantas usadas. Foram questionados 50 proprietários de cães, todos residentes do município de Patos e cidades próximas. A escolha dos participantes se deu de forma que não houve nenhuma interferência estatística, todos foram escolhidos de forma não probabilística. A maioria das pessoas entrevistadas foram mulheres. Foram citadas 19 plantas pelos informantes. As plantas citadas foram: Babosa, Mastruz, Boldo, Erva Cidreira, Melão-de-São-Caetano, Barbatimão entre outras. Seis pessoas (24%) dos informantes abaixo dos 30 anos fizeram ou fazem o uso de alguma planta, enquanto 19 (76%) das 25 pessoas abaixo dos 30 anos de idade que afirmaram que nunca usaram plantas medicinais. As pessoas com idade igual ou acima dos trinta anos que fazem uso dessas plantas é 60%, 15 no caso; contra 40% (10) das pessoas igual e acima de 30 anos de idade. Com este estudo podemos concluir que a população Patoense, está deixando de lado as plantas medicinais. Com o passar do tempo a tendência maior perda, porém a probabilidade que vire algo em obsolescência é praticamente nula.

Palavras-chave: Plantas, fitoterapia, alopáticos, cultura local, biodiversidade.

ABSTRACT

Since for beginning of mankind the humans use plants and their extracts for a cure and prevention of all diseases the almost. They are herbal medicines originate exclusively from plant material with objective medical treatment illness whatsoever. In this form, this work had the aim to obtaining dice on the casuistry of people make use of medicinal plants in their dogs and which are or knowledge of plants used and with purpose. The popular herbal today nothing more that is one set knowledge several acquired over two years, one alternative opted for thousands of Brazilians who do not have accessibility to medical official practices because Primarily years senior it costs When They are speaking to respect medical consultations and acquisition of conventional allopathic medicines. Briefly, or is missing today is not the number of materials used folk medicine since the biomes of Brazil are rich in biodiversity and culture; more scientific studies but on each one of the plants used. Dogs were asked 50 owners of all residents of the municipality of next Ducks and speeds. The choice of two participants are gave no interference was all statistics were not of Chosen probabilistically. Most people interviewed were women. 19 plants showed less hair once fifty we quizzes. Some of the plants were cited: Slug, Mastruz, Bilberry, Herb Lemon Balm, melon-de-Saint-Caetano, Barbatimão between others. Six people (24%) following two people 30 years and made some form or use of plant, 19 against (76%) of persons below 25 years of age two 30 claimed medicinal plants used than ever. People with or above age just two years thirty make these plants and use 60%, 15 not applicable; against 40% (10) days and people above 30 years of age. With this study can conclude population is leaving of hand the Medicinal plants. Over time Trend greater loss, but to veer probabilitie something is in obsolescence pratically nil.

Keywords: plants, herbal medicine, allopathic, local culture, biodiversity.

SUMÁRIO

1. Introdução	16
2. Revisão de Literatura.....	18
2.1. A Fitoterapia na visão do Médico Veterinário	19
2.2. Fitoterapia voltada para caninos.....	20
2.2.1. Distúrbios Gastrointestinais.....	20
2.2.2. Anti-helmínticos.....	20
2.2.3. Problemas de pele	21
2.3. Fitoterápicos utilizados na região de Patos – PB	21
3. Resultados e Discussão	24
4. Conclusão	35
Referências Bibliográficas	40
ANEXO I.....	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Macela.....	35
Figura 2: Alho.....	35
Figura 3: Babosa.....	35
Figura 4: Terramicina.....	35
Figura 5: Cajueiro.....	35
Figura 6: Neem.....	35
Figura 7: Mastruz.....	36
Figura 8: Favela.....	36
Figura 9: Capim Santo.....	36
Figura 10: Malva Corama.....	36
Figura 11: Erva Cidreira.....	36
Figura 12: Hortelã.....	36
Figura 13: Melão-de-São-Caetano.....	37
Figura 14: Aroeira.....	37
Figura 15: Boldo.....	37
Figura 16: Goiabeira.....	37
Figura 17: Mamona.....	38
Figura 18: Seriguela.....	38
Figura 19: Barbatimão.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa Etária dos Entrevistados.....	24
Gráfico 2: Relação Uso/Idade dos Informantes.....	25
Gráfico 3: Grau de Escolaridade dos Informantes.....	26
Gráfico 4: Não Uso de Plantas Medicinais em Animais Pelos Informantes.....	27
Gráfico 5:.. Motivos por Usar Plantas Medicinais em Animais.....	28

1. Introdução

Desde o começo da humanidade o ser humano utiliza plantas e seus extratos para a cura e prevenção de quase todas as doenças. Os fitoterápicos são medicamentos originados exclusivamente de material botânico com objetivo de tratamento médico de alguma enfermidade.

Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) o conceito de fitoterápico é: Medicamento obtido a partir de plantas medicinais empregando-se exclusivamente derivados de droga vegetal (extrato, tintura, óleo, cera, exsudato, suco, e outros).

Para a ANVISA todo medicamento, sem exceção dos fitoterápicos, deve passar por processos etnofarmacológicos, documentações teóricas juntamente com estudos toxicológicos para serem postos no mercado para venda. Porém nem todas as plantas utilizadas pela população como medicamento contêm estes materiais nem são patenteados por algum laboratório farmacêutico.

Muitas vezes estas plantas são utilizadas apenas com o conhecimento empírico dos curandeiros e outras pessoas que entendem da terapia com plantas. Embora a legislação proíba a comercialização destes produtos fabricados apenas com base no conhecimento empírico, a venda e o consumo dos mesmos pela população, principalmente com idade mais avançada e as menos favorecidas financeiramente é enorme.

A fitoterapia (uso de plantas na terapêutica) que é hoje de grande valia, foi preservada ao longo da história pelo saber popular repassado de geração em geração. Este conhecimento empírico é que estimula a pesquisa científica, que vem desta forma, descobrindo novos princípios ativos, bem como outras variedades de protocolos terapêuticos. Além disso, o uso de tais plantas medicinais diminui consideravelmente o custo do tratamento, sendo isso de grande interesse dos proprietários, mas de pouco interesse das grandes indústrias farmacêuticas, caracterizando um obstáculo às pesquisas.

É deste vasto conhecimento popular enraizado nas comunidades que sai o despertar científico para a investigação de tais plantas, o que elas realmente causam quais são os seus efeitos medicinais, colaterais e toxicológicos. Possibilitando assim descobertas de mais medicamentos e, aumentando desta forma, o leque de produtos utilizados farmaceuticamente. De forma que se faz

necessário um levantamento de dados de quais plantas e extratos são usados nesta região, norteando desta forma os pesquisadores e otimizando também a probabilidade de acerto nas pesquisas. O estudante de hoje será o Veterinário de amanhã, e a Fitoterapia deve estar presente para que seja incentivada, primeiro a conhecer o tratamento e reconhecê-lo como válido.

Portanto, este trabalho teve como intuito a obtenção de dados sobre a casuística de pessoas que fazem uso de plantas medicinais em seus cães, bem como o conhecimento de quais plantas são utilizadas e com que finalidade.

2. Revisão de Literatura

A fitoterapia popular hoje nada mais que é um conjunto de vários conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, sendo uma alternativa optada por milhares de brasileiros que não tem acesso às práticas médicas oficiais, devido principalmente aos altos custos, quando se fala a respeito de consultas médicas e aquisição de medicamentos alopáticos convencionais (ALBUQUERQUE, 1989; citado por MARINHO et al., 2007).

A abundante e diversificada flora brasileira facilita estas práticas, com ênfase no bioma Caatinga presente em grande parte na região nordeste (BARATA, 1995; citado por MARINHO et al., 2007). Marinho e outros autores (2007) apontam para o risco do uso indiscriminado destes princípios ativos, pois muitas vezes não se conhece os efeitos colaterais das plantas usadas, causando assim certa preocupação dos pesquisadores, além do que espécies diferentes podem ser parecidas fenotipicamente, confundindo os usuários e podendo com isso trazer grandes riscos à saúde. Esses autores também reportam para a escassez de informações técnico-científicas nesta área, se fazendo necessário, portanto, o aprofundamento deste conhecimento empírico tão intimamente agregada ao contexto sócio-econômico da população. Os autores ainda ressaltam na volatilidade das informações, principalmente pela troca do conhecimento cultural sobre os novos avanços tecnológicos.

Um estudo feito por Lima et al. (2012), ressalta que o Brasil é o maior país em biodiversidade no planeta e que detém um poderoso acervo de conhecimento tradicional através dos curandeiros e “Doutores-raiz”, com alto potencial para desenvolver a partir disso uma série de pesquisas em tecnologias terapêuticas apropriadas. Já Lopes et al. (2012), falam que, apesar da disponibilidade de ervas em nosso cotidiano, hoje ainda são poucos os estudos, os investimentos e até mesmo os conhecimentos que se têm sobre a riquíssima flora brasileira, principalmente quando se trata das ervas medicinais.

Rodrigues et al. (2002), também apontam a importância de se investigar quais plantas medicinais são mais utilizadas pela população de certa região, devido a estimular o encorajamento dos pesquisadores a dar explicações científicas aos conhecimentos agregados à cultura local.

Carvalho et al. (2013) sinalizam a importância do resgate e valorização do saber popular, favorecendo assim a disseminação da informação entre comunidades. Também citam a globalização, como causa de perdas de tradições importantes para nossa sociedade; visto que o uso de plantas na terapêutica não é só uma questão medicinal, mas um fator intimamente ligado ao significado cultural local, enraizado na cultura popular, com todo potencial de desenvolvimento tecnológico.

Carvalho et al. (2013) ainda ressaltam o baixíssimo custo, o baixo índice de efeitos colaterais, contrastando assim com os medicamentos alopáticos de alto custo juntamente com diversos efeitos colaterais. Os autores também apontam que o número de mulheres que fazem seu uso é bem maior que os dos homens, e que a maioria são de propriedades rurais.

2.1. A Fitoterapia na visão do Médico Veterinário

Almeida et al. (2006), realizaram um estudo entre estudantes de Medicina Veterinária para traçar o perfil dos alunos diante aos fitoterápicos. Este estudo demonstrou que aproximadamente 73,9% dos alunos tinham conhecimento sobre fitoterapia, porém apenas 36,2% faziam uso destas medicações. O estudo mostrou que a planta mais utilizada era o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) no tratamento de pneumonia e traumatismos. As outras plantas mais utilizadas foram o Jucá (*Caesalpinia ferrea*) como cicatrizante, Babosa (*Aloe vera*) como cicatrizante e sarnicida, Cajueiro (*Anacardium occidentale*) usado na cicatrização, Ameixa (*Ximenia americana*), Boldo (*Peumus boldus*) usado em intoxicações e cólicas, Jurema (*Mimosa hostilis*) com propriedades antiinflamatórias, Goiabeira (*Psidium guajava*) na cura da diarreia, Berinjela (*Solanum melongena*) tratando inflamações, e Alho (*Allium sativum*) para tratar endoparasitos e pneumonia.

As doenças mais tratadas por fitoterápicos pelo levantamento feito pelo estudo de Almeida et al. (2006) foram: Distúrbios de cicatrização, inflamação, traumatismos, endoparasitos, cólica, diarreia e pneumonia.

2.2. Fitoterapia voltada para caninos

2.2.1. Distúrbios Gastrointestinais

De acordo com um estudo feito por Ozaki et al. (2006) os distúrbios gastrintestinais são acometimentos muito comuns na clínica de pequenos animais, e é aonde ocorre o maior uso de plantas medicinais pelos veterinários e proprietários.

Berschneider, 2002; citado por Ozaki, 2006 cita inúmeros fitoterápicos usados nos distúrbios gastroentéricos, entre eles podemos citar:

- Babosa (*Aloe vera*): Há alguns estudos sobre o uso da Babosa no tratamento de constipações e inflamações entéricas. Seus efeitos primários são laxativos. Extratos patenteados são comercializados para minimizar esses efeitos em feridas. Doses diárias de 0,3 a 0,4 mg/kg causam efeito laxativo. Prescrições acima de 1500mg/kg desses extratos têm sido administradas com ausência de efeitos colaterais em cachorros.
- Genciana (*Gentiana lutea*): usada no tratamento da inapetência e flatulência. Aumenta a salivação e secreção de sucos gástricos, contra indicado em úlceras pépticas.
- A Linhaça (*Linum usitatissimum*) é usada na constipação, gastrite e enterite; contém muitas fibras e óleos.
- Cenoura (*Daucus carota*) crua ralada e alho (*Allium sativum*) cru ralado misturado na comida podem aliviar a constipação em cães e gatos.

2.2.2. Anti-helmínticos

Lans et al. (2000) Citado por Ozaki et al. (2006) cita que a planta mais utilizada em cães é o galho do algodão (*Gossypium L.*), fazendo uma decocção destes galhos e administrando por via oral aos caninos com leite ou junto à comida.

A casca do mamão (*Carica papaya*) também é citada para tratamento de verminoses.

2.2.3. Problemas de pele

Ozaki et al. (2006) apontam que existe uma infinidade de doenças que podem afetar a pele, desde bacterianas, alérgicas até traumatismos. Os autores citam vários produtos, como:

- Calêndula (*Calendula officinalis*): Efeito cicatrizante, antiinflamatório e antibiótico;
- Neem (*Azadiracta indica*): Efeito sarnicida, fungicida, antisséptico;
- Alho (*Allium sativum*): Reações alérgicas;
- Salgueiro (*Salix babylonica*): Efeito repelente e anti-histamínico;
- Babosa (*Aloe vera*): Queimaduras;
- Confrei (*Symphytum officinale*): Cicatrizante;

Ainda para afecções de pele, Carneiro et al. 2013 fizeram um estudo com o extrato hidroalcoólico do Melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia*) para tratar sarna sarcópica em cães. O resultado foi bastante eficaz mostrando assim uma nova alternativa para o tratamento dessa afecção.

2.3. Fitoterápicos utilizados na região de Patos – PB

Um levantamento feito por Marinho et al. (2011) coletou dados na cidade de São José de Espinharas não somente de quais plantas eram usadas, mas também qual parte da planta usada, qual o modo de preparo e aonde eram colhidas tais plantas; além de ter obtido também, informações sócio-econômicas (idade, escolaridade, religião, onde mora, grau de escolaridade) para traçar o perfil das pessoas que mais usavam estes produtos. O estudo indicou que 40% dos usuários eram analfabetos, 50% tinha acima de 50 anos de idade, e que 85% adquiriram o conhecimento das plantas medicinais com os pais, e que eles

obtinham as plantas diretamente da mata (54% das plantas), e 23% delas eram cultivadas em casa.

Neste estudo de Marinho et al. (2011) foram citadas 82 espécies, sendo a maioria nativa da Caatinga. Cajueiro (*Anacardium occidentale*) casca como cicatrizante, Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) a casca como antiinflamatório, Ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*) a casca como antitumoral, Oiticica (*Licaria rigida*) folhas e raiz como hipoglicemiante e para tratar varizes e hemorroidas, Mofumbo (*Combretum leprosum*) usada contra azia e bronquite, Mandacaru (*Cemeus jamacaru*) raiz usada contra varizes e hemorroidas, Angico (*Anadathera columbrina*) a casca usada como antiasmático, Favela (*Cnidocolus quercifolius*) contra inflamações uterinas, Quebra-Pedra (*Phyllanthus niruri*) a planta inteira como chá para tratar cálculos renais, Eucalipto (*Eucalypto globulus*) tratar afecções respiratórias, Goiabeira (*Psidium Guajava*) como antidiarreico, Barbatimão (*Stryhnodendron coriaceum*) a casca usada como cicatrizante, Quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*) a casa para tratar traumatismos e hematomas, e Camará (*Lantana camara*) as folhas usadas para controlar a cefaléia.

Outro levantamento feito por Marinho et al. (2007) feito com 40 produtores rurais no município de Patos. Traçaram assim as plantas rotineiramente usadas na criação dos animais domésticos na cidade. Citando algumas plantas, são elas:

- Algaroba (*Prosopis juliflora*): Tratamento de doenças cardiovasculares;
- Alho (*Allium sativum*): Tratar mastite e vermífugo;
- Aroeira (*Schinus terebinthifolius*): Gastrite e cicatrizante;
- Babosa (*Aloe vera*): Usada em inúmeras afecções;
- Boldo (*Peumus boldus*): Febre, mal triste, cólica;
- Capim Santo (*Cymbopogon citratus*): Calmante;
- Cidreira (*Lippia Alba*): Vômito, cólica, timpanismo;
- Gengibre (*Zingiber officinale*): Antiflogístico;
- Jerimum (*Cucurbita pepo*): Vermífugo;
- Jucá (*Cesalpinia ferrea*): Doenças renais;

- Mastruz (*Chenopodium ambrosioides*): Tosse, cicatrizante, traumatismos;
- Melão de São Caetano (*Mormodica charantia*): Prurido e ectoparasiticida;
- Romã (*Punica granatum*): Úlcera gástrica;
- Tamarindo (*Tamarindus indica*): Laxante, antiinflamatório.

De forma que, o que está em falta hoje não é o número de materiais usados na medicina popular, pois os biomas do Brasil são ricos em biodiversidade e cultura; mas sim estudos científicos sobre cada uma das plantas usadas (BORN, 2000).

3. Material e Métodos

3.1. Aplicação do questionário

A pesquisa foi realizada na Clínica Médica de Caninos e Felinos no Hospital Veterinário do Centro de Saúde e Tecnologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos – PB.

Foram escolhidos 50 proprietários de cães para responderem ao questionário, residentes no município de Patos e Região. O questionário (Anexo I) aplicado foi após o consentimento livre e esclarecido de todos os entrevistados.

Em relação aos animais, todos os cães tratados eram adultos, as raças mais comuns foram a Poodle, Pinscher e os cães SRD. Porém houve outras raças citadas como Shi tzu, Pastor Alemão e Daschund.

3.2. Coleta de dados

Os dados coletados dos 50 voluntários foram avaliados e processados, verificando-se as indicações, plantas medicinais mais usadas, procedência, aplicação e seus efeitos terapêuticos.

4. Resultados e Discussão

4.1. Perfil sociocultural dos informantes

O número de pessoas entrevistadas por idade foi: A idade dos informantes variou entre 17 e 72 anos de idade, sendo que as pessoas com idade menor que 30 anos representaram 50% dos entrevistados, entre 29 e 40 anos de idade somaram 22% dos informantes, e 28% acima de 40 anos de idade.

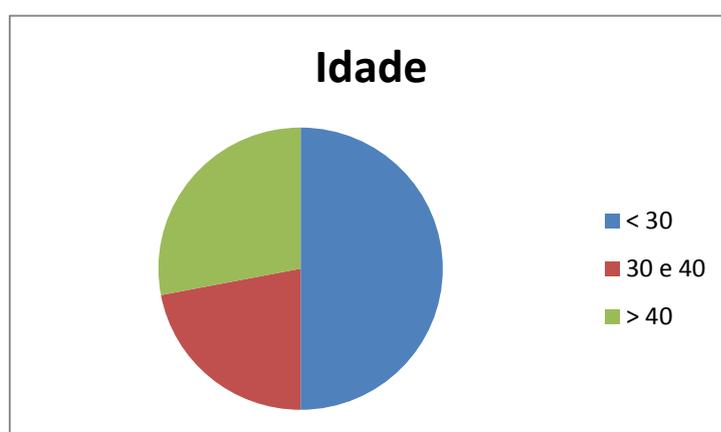


Gráfico 1: Faixa etária dos entrevistados

4.2. Perfil dos informantes em relação ao uso de plantas medicinais em animais

Fazendo uma comparação entre a idade e o uso ou não de plantas medicinais temos os seguintes dados: Apenas **seis** pessoas, no caso **24%** das pessoas abaixo dos 30 anos fizeram ou fazem o uso de alguma planta na terapêutica de seus animais, contra **19 (76%)** das 25 pessoas abaixo dos 30 anos de idade que afirmaram que nunca usaram plantas medicinais. Por outro lado a porcentagem de pessoas com idade igual ou acima dos trinta anos que fazem uso dessas plantas é de **60%**, **15** pessoas no caso. Essa informação esta de acordo com a obtida no estudo de Marinho et al (2011), onde 50% das pessoas que disseram fazer uso de plantas medicinais, estava acima de 50 anos.

De forma que esses dados podem sinalizar para uma perda de interesse ou até mesmo de conhecimento com o passar dos anos, já que pessoas mais jovens ou não estão interessadas ou desconhecem o valor da medicina natural, em contrapeso as pessoas mais velhas fazem grande uso das plantas para tratamento e prevenção de doenças. Como um dos fatores mais importantes, senão o maior, da perpetuação do conhecimento da medicina popular é o conhecimento ensinado de pais para filhos, este dado pode mostrar a falta de repasse de conhecimento dos pais para a nova geração de indivíduos, em comparação ao que ocorria antigamente, onde os filhos adquiriam muito mais conhecimento a respeito do que atualmente.

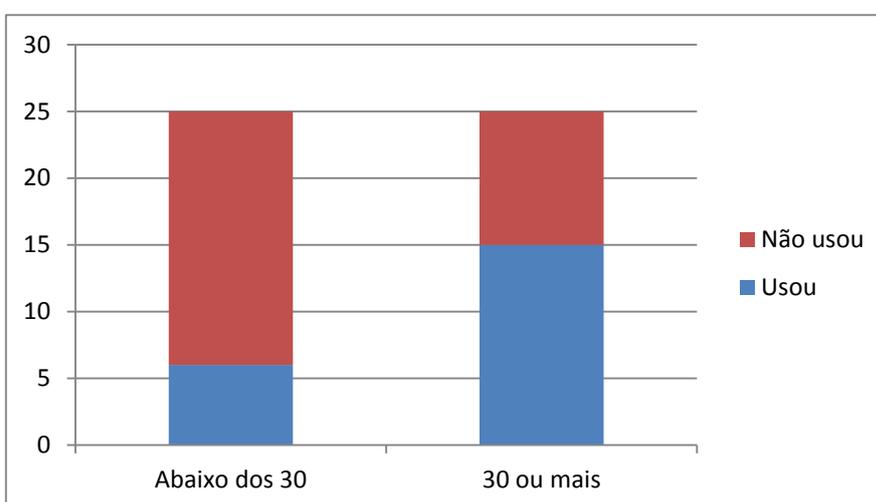


Gráfico 2: Relação uso/idade

4.3. Grau de instrução dos informantes

O nível de escolaridade foi dividido em:

- Analfabeto – **1** – 2%;
- Ensino fundamental incompleto – **2** – 4%;
- Ensino fundamental completo – **3** – 6%;
- Ensino médio incompleto – **1** – 2%;
- Ensino médio completo – **15** – 30%;
- Ensino superior incompleto – **15** – 30%;

- Ensino superior completo – **13** – 26%.

Os dados a respeito do nível de instrução dos entrevistados indicaram que 30% tem o ensino superior incompleto, estes foram a maioria dos entrevistados. Seguindo de 26% dos entrevistados que responderam que tinham ensino superior completo.

Uma explicação para o número de pessoas entrevistadas com o grau de escolaridade superior incompleto ou completo ter sido bem maior em comparação aos outros graus (**seis** pessoas a mais em comparação aos outros) pode se dá em virtude da cidade de Patos ser uma cidade universitária, sendo assim a fatia da população composta de graduandos e pós-graduandos é relativamente alta. O nível de escolaridade interfere no uso das plantas medicinais.

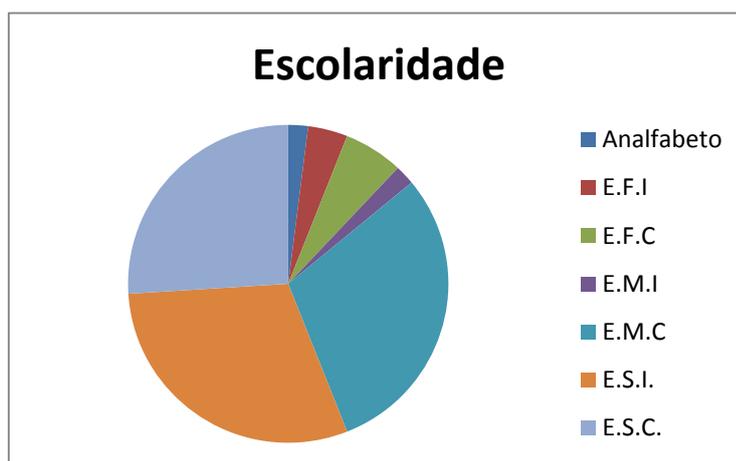


Gráfico 3: Grau de escolaridade dos entrevistados

4.4. Local de residência dos informantes

Apenas três (6%) pessoas entrevistada residia na zona rural, todas as demais responderam que moravam na zona urbana (94%). Destas todas fizeram ou fazem uso das plantas medicinais (100% das pessoas); em contrapartida, **18** pessoas que moram na zona urbana fizeram ou fazem o uso destas plantas, no caso **38,2%** dos questionados. Este dado pode sinalizar que devido à população rural tem mais contato direto com a natureza, estes fazem um uso superior às pessoas residentes da zona urbana, onde o contato com a flora é reduzido.

No que diz respeito ao uso de fitoterápicos, **21** (42%) pessoas responderam que já usou plantas medicinais em seu animal em algum momento, e **29** (58%) respondeu que nunca usou plantas medicinais e/ou seus extratos para tratamento e prevenção de alguma doença.

4.5. Uso de plantas medicinais em animais pelos informantes

As respostas mais comuns dos participantes que nunca usaram foram:

- Desconhecimento de alguma planta que pudesse auxiliar em algum possível problema de que estava diante, pois são ou eram leigos nesta área. Esta resposta foi a mais comum entre os entrevistados (**12** pessoas responderam de forma similar, no caso 41,3% dos participantes que nunca usaram plantas medicinais).
- Confiança maior em produtos alopáticos. **6** entrevistados afirmaram que tem maior segurança em usar produtos vindos de farmácias ao invés de produtos vindos diretamente da natureza.
- Receio dos efeitos colaterais. Uma resposta indiretamente ligada às afirmações anteriores foi o medo do uso errado e indiscriminado das plantas, pois não tinha conhecimento, com possibilidades de piorar o quadro do animal. **Quatro** entrevistados responderam similarmente.

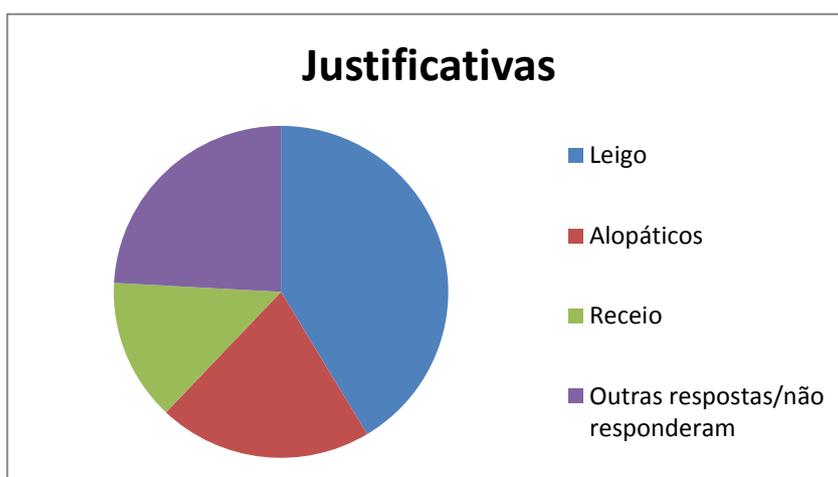


Gráfico 4: Justificativas para o não uso das plantas medicinais

Os motivos mais comuns dos interrogados a usarem um tratamento alternativo foram:

- Indicações de amigos, vizinhos e outras pessoas por experiências positivas de seu uso, e porque os medicamentos alopáticos não surtiram efeito. **Cinco** pessoas interrogadas responderam de forma similar;
- Perpetuação do conhecimento da medicina popular: pessoas que citaram de como aprenderam algumas terapêuticas com os próprios pais, e também pela fácil disponibilidade da planta. **Cinco** dos entrevistados responderam de forma parecida com esta afirmação;
- Experiências próprias: **Seis** pessoas afirmaram que usaram a terapia com a planta porque usaram em si mesmo e surtiu efeito. Alegam que se funciona para humanos também deve funcionar em animais.

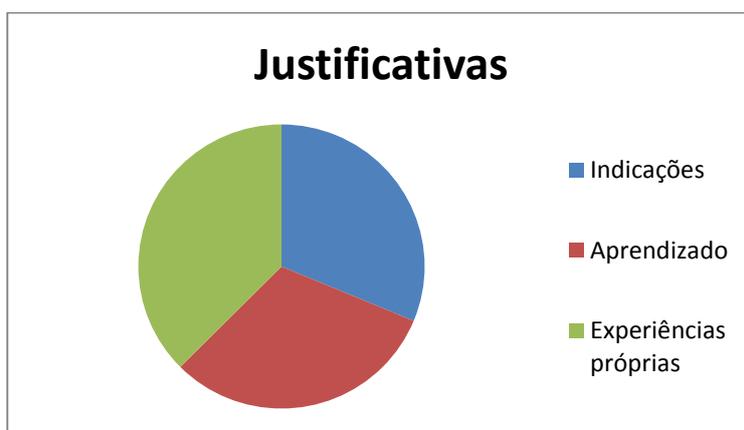


Gráfico 5: Justificativas por usar plantas medicinais

O número de pessoas que responderam que o animal melhorou após o uso foram **20**. Apenas uma pessoa apontou que não percebeu melhora com o uso da planta, neste caso foi usado o Boldo associado a Macela. Uma pessoa respondeu que houve efeito indesejável, no caso o entrevistado que fez o uso do chá das flores da Goiabeira, causando constipação; seis pessoas fizeram associação com produtos alopáticos, no caso dois entrevistados que citaram a babosa, um entrevistado que citou o boldo, um entrevistado que citou o neem com o Melão-

de-São-Caetano, um entrevistado que usou a casca do Cajueiro e quem citou a Aroeira; por fim todas as pessoas afirmaram que repetiria seu uso.

Fazendo uma comparação deste trabalho com o de Marinho et al. (2011), o presente estudo teve um número bem menor de plantas citadas em comparação ao levantamento feito por esses autores, porém houve plantas que apareceram simultaneamente nos dois trabalhos, como a Babosa, Cajueiro e a Favela. Em contrapartida houve várias plantas que não apareceram neste trabalho, como o Jatobá (*Hymenaea courbaril*), Quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*) e Bananeira (*Musa paradisiaca*). Também houve algumas plantas que não apareceram no trabalho de Marinho et al. (2011), mas apareceram neste, exemplos no caso foram a Malva Corama e a Seriguela.

4.6. Plantas medicinais usadas em animais pelos entrevistados

Em relação as plantas citadas **19** delas apareceram pelo menos uma vez nos cinquenta questionários. As plantas mais citadas juntamente com seus respectivos tratamentos e formas de administração foram:

Nome Científico	Nome Popular	Forma de Uso	Tratamento	Nº de Citações
<i>Achyrocline satureoides</i>	Macela	Chá das flores	Diarreia, vômito	2
<i>Allium sativum</i>	Alho	Chá dos dentes	Apatia, inapetência	1
<i>Aloe Vera</i>	Babosa	Parte interna da planta	Ferimentos cutâneos	5
<i>Alternanthera brasiliana</i>	Terramicina	Chá das folhas	Gastroenterites	1
<i>Anacardium occidentale</i>	Cajueiro	Infusão da casca	Cicatrizante	1
<i>Azadiracta indica</i>	Neem	Extrato alcoólico das folhas	Ectoparasiticida	1
<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Mastruz, Erva-de-Santa-Maria	Chá das folhas, folhas batidas com leite	Traumatismos ósseos	2
<i>Cnidocolus quercifolius</i>	Favela	Extrato alcoólico das folhas	Lesão de miíase	1

<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim-Santo, Capim-Limão	Chá das folhas	Constipação	1
<i>Kalanchoe pinnata</i>	Malva Corama	Folhas untadas com gordura quente	Edema no membro	1
<i>Melissa officinalis/Lippia Alba</i>	Erva Cidreira	Chá das folhas	Diarreia, vômito	2
<i>Mentha spicata</i>	Hortelã	Folhas na água	Dispneia	1
<i>Momordica charantia</i>	Melão-de-São-Caetano	Extrato alcoólico	Ectoparasiticida	2
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Infusão da casca	Cicatrizante	1
<i>Peumus boldus</i>	Boldo	Chá das folhas	Diarreia, vômito	3
<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Chá das flores e brotos	Diarreia	1
<i>Ricinus communis</i>	Mamona, Carrapateira	Azeite do carrapato/Óleo de Rícino	Ferimento cutâneo necrosado	1
<i>Spondias purpurea</i>	Seriguela	Suco das folhas	Diarreia sanguinolenta	1
<i>Stryphnodendron coriaceum</i>	Barbatimão	Infusão da casca	Cicatrizante	2

Babosa (*Aloe vera*): Citada por cinco entrevistados, todos os informantes utilizaram a planta como tratamento para ferimentos cutâneos; duas pessoas fizeram associação com produtos alopáticos. A forma de uso foi a própria planta sem a casca. Planta essa também citada nos estudos de Almeida et al. (2006), como cicatrizante e sarnicida, por Berschneider, 2002; citado por Ozaki, 2006 no tratamento de constipações e inflamações entéricas e por Marinho et al., 2007, para diversas afecções.

Boldo (*Peumus boldus*): Citada por três dos 50 informantes, esta planta foi utilizada no tratamento de vômito e desconforto abdominal. Uma das pessoas que apontaram o uso fez uma associação com a macela; uma pessoa fez associação com produtos alopáticos. A forma de uso foi chá das folhas. O boldo (*Peumus boldus*) também foi citado nos estudos de Almeida et al. (2006), indicado em

intoxicações e cólicas e de Marinho et al. (2007) nos casos de febre, mal triste e cólicas.

Barbatimão (*Stryphnodendron coriaceum*). Citada duas vezes, a forma de uso foi infusão da casca ou a casca em si amolecida usada como cicatrizante no tratamento de ferimentos cutâneos gerais. O Barbatimão (*Stryphnodendron coriaceum*) foi citado nos estudos de Marinho et al. (2011) sendo também utilizada a casca como cicatrizante.

Mastruz (*Chenopodium ambrosioides*). Aparecendo duas vezes na pesquisa, o mastruz também é chamado de Erva-de-santa-maria. A forma de uso foi: Chá das folhas ou batido no leite, como tratamento de fraturas e traumatismos ósseos. O mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) foi citado por Almeida et al. (2006) no tratamento de pneumonias e traumatismos e por Marinho et al (2007) para tosse, como cicatrizante e também para traumatismos.

Melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia*). Citado por dois informantes, a forma de uso que citaram foi o extrato alcoólico extrato alcoólico do fruto para tratar a sarna em seus cães. Um dos que foram questionados fizeram associação com o neem no extrato alcoólico. A pessoa que fez a associação com as duas plantas fez uso de produtos alopáticos. O Melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia*) foi citado por Carneiro et al. 2013 no tratamento da sarna sarcóptica em cães e por Marinho et al (2007) com indicação para prurido e ectoparasitos.

Erva-Cidreira (*Melissa officinalis/Lippia alba*). Citada por dois informantes. Existem duas plantas hoje com o nome vulgar “erva-cidreira”, a *Melissa officinalis* e a *Lippia alba*. Estas duas plantas são parecidas fenotipicamente e tem uso similar na medicina popular. Apenas pela entrevista com o questionário não é possível descobrir qual das duas espécies foram utilizadas pelos proprietários. Pode também haver confusão entre os sinônimos do Capim-Santo (entre os nomes Erva-cidreira e Capim-Cidreira, são plantas com características botânicas bem distintas). A forma de uso foi Chá das folhas como tratamento de desconfortos abdominais. Um dos entrevistados que citaram a Cidreira fez associação com a Macela. A erva cidreira (*Lippia Alba*) foi citada no estudo de Marinho et al. (2007) com indicação para vômito, cólica e timpanismo;

Macela (*Achyrocline satureioides*). Forma de uso: chá das flores. A macela foi usada nos tratamentos: controlar o vômito, desconfortos. A planta foi citada juntamente com o boldo, fazendo uma combinação das duas plantas no chá. Também foi citada juntamente com a Cidreira para controlar a diarreia. A Macela (*Achyrocline satureioides*) não foi citada por nenhum autor.

12 plantas foram citadas apenas uma vez, a exemplo da Favela (*Cnidocolus quercifolius*). Forma de uso: pomada com extrato alcoólico das folhas. Usada no tratamento de uma lesão cutânea com presença de miíase. A Favela (*Cnidocolus quercifolius*) foi citada no trabalho de Marinho et al. (2011) contra inflamações uterinas.

Mamona (*Ricinus communis*). Também chamada de carrapateira. A forma de uso foi o azeite do carrapato. Provavelmente o entrevistado esteja se referindo ao óleo de rícino, já que este óleo é extraído da semente que se encontra no fruto da mamona (que se chama carrapato). Tratamento: ferimento necrosado por acidente aracnídeo. A Mamona (*Ricinus communis*) não foi citada.

Capim-Santo (*Cymbopogon citratus*). Chamado em alguns lugares de Capim-Limão e Capim-Cidreira. Forma de uso: Chá das folhas. Tratamento: Constipação. O Capim-Santo (*Cymbopogon citratus*) não foi citado nos estudos referenciados

Alho (*Allium sativum*). Especiaria mais antiga do mundo juntamente com o gengibre. Forma de uso: chá dos dentes do alho. Tratamento: melhorar o estado do animal em uma doença sistêmica. O Alho (*Allium sativum*) foi citado por Almeida et al. (2006) para tratar endoparasitos e pneumonia, por Ozaki et al. (2006) para reações alérgicas e por Marinho et al. (2007) para tratar mastite e vermífugo.

Malva Corama (*Kalanchoe pinnata*). Também é chamada de Folha Santa e Folha-da-fortuna. Esta planta faz parte do grupo de plantas que as pessoas usam para tratar qualquer doença. Forma de uso: Folha untada com margarina esquentada. Tratamento: inchaços e edemas. A Malva Corama (*Kalanchoe pinnata*) também não foi citada por nenhum dos autores.

Neem (*Azadiracta indica*). Forma de uso: extrato alcoólico das folhas. Tratamento: ajudar a tratar sarna; citada juntamente com o Melão-de-São-Caetano, o extrato alcoólico foi usado para diminuir a quantidade de medicamento alopático para tratar a sarna, pois o questionado apontou que o produto era extremamente forte e tóxico. O Neem (*Azadiracta indica*) foi citado por Ozaki et al. (2006) como tendo efeito sarnicida, fungicida e antisséptico.

Terramicina (*Alternanthera brasiliiana*). Forma de uso: Chá das folhas. Tratamento: Gastroenterites. A Terramicina (*Alternanthera brasiliiana*) não foi citada em nenhum estudo.

Goiabeira (*Psidium guajava*). Forma de uso: Chá das flores e brotos. Tratamento: Diarreia. O uso desta planta causou um efeito indesejável, no caso provocou constipação no animal. A Goiabeira (*Psidium guajava*) não foi citada por nenhum autor.

Cajueiro (*Anacardium occidentale*). Forma de uso: Infusão da casca. Tratamento: Cicatrizante em ferimentos cutâneos gerais. O Cajueiro (*Anacardium occidentale*) foi citado por Almeida et al (2006) e por Marinho et al (20011), no processo de cicatrização.

Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*). Forma de uso: Infusão da casca. Tratamento: Limpar ferimentos cutâneos. O entrevistado apontou que primeiramente faz a limpeza do ferimento, logo após faz uso de um produto alopático. A Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) foi citada como cicatrizante, anti-inflamatório e para gastrite por Marinho et al. (2007) e por Marinho et al. (2011).

Hortelã (*Mentha spicata*). Forma de uso: Folhas colocadas na água do bebedouro. Tratamento: Problemas respiratórios, dispneias. A Hortelã (*Mentha spicata*) não foi citada por nenhum autor.

Seriguela (*Spondias purpurea*): Forma de uso: Suco das folhas da árvore. Tratamento: Diarreia sanguinolenta. A Seriguela (*Spondias purpurea*) também não foi citada por nenhuma referência.

4.7. Imagens das plantas citadas

Fig. 1: *Achyrocline satureoides* (flores)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 2: *Allium sativum* (cabeça)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 3: *Aloe vera* (vista geral)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 4: *Alternanthera brasiliana* (vista geral)

Fonte: Morad, 2014

Fig. 4: *Anacardium occidentale* (galhos)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 5: *Azadiracta indica* (folhas)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 6: *Chenopodium ambrosioides* (vista geral)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 7: *Cnidoscolus quercifolius* (galhos)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 8: *Cymbopogon citratus* (vista geral)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 9: *Kalanchoe pinnata* (vista geral)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 10: *Lippia alba* (vista geral)

Fonte: Meireles, 2014

Fig. 11: *Mentha spicata* (vista geral)

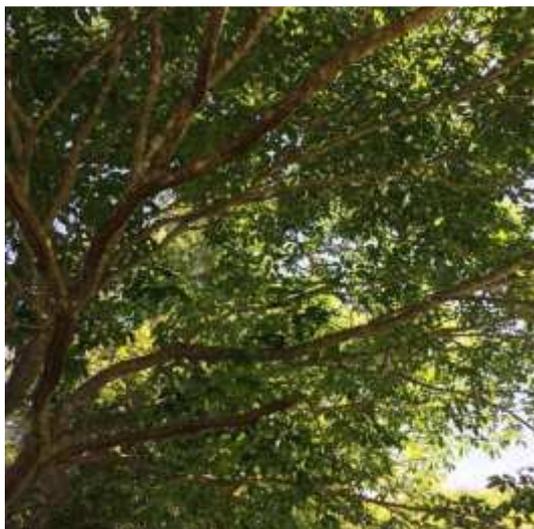
Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 12: *Momordica charantia* (fruto/folhas)



Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 13: *Myracroduron urundeuva* (vista geral)



Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 14: *Peumus boldus* (folhas)



Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 14: *Psidium guajava* (galhos/brotos)



Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 15: *Ricinus communis* (vista geral)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 16: *Spondias purpurea* (folhas/frutos)

Fonte: Realização própria, 2016

Fig. 17: *Stryphnodendron coriaceum*

- A) Vista geral da árvore
- B) Folhas
- C) Vagem
- D) Vagem

Fonte: Riet-Correa, adaptada, 2011

5. Conclusão

Através da análise dos dados obtidos neste estudo, podemos concluir que a população patoense, em especial a população urbana está deixando de lado os valores culturais da região.

A população mais jovem entrevistada demonstrou que não está havendo o repasse entre as gerações, fazendo com que se volatilizem no decorrer do tempo estas informações enraizadas na cultura de um povo. Mas ainda há sim uma grande parte da população que faz o uso da medicina com plantas, embora esteja enfraquecendo a cada dia devido a inúmeros fatores, podendo apontar a urbanização da população como um dos mais marcantes.

Com o passar do tempo a tendência provavelmente é que este ramo da medicina e farmacêutica perca cada vez mais seu potencial, porém a probabilidade de que estes conhecimentos e uso da flora na terapêutica desapareçam, e que vire algo em obsolescência é praticamente nula. A fitoterapia popular no sertão nordestino ainda tem sua força.

Algumas das plantas citadas pelos autores são consideradas tóxicas, por isso se deve entender o uso adequando de se usar, qual parte da planta é utilizada e para que finalidade. Plantas medicinais em animais domésticos, principalmente os animais de companhia é pouco usado pela população devido a fatores culturais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, K. S.; FREITAS, F. L. C.; PEREIRA, T. F. C. **ETNOVETERINÁRIA: A FITOTERAPIA NA VISÃO DO FUTURO PROFISSIONAL VETERINÁRIO**. Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável – Grupo Verde de Agricultura Alternativa, Mossoró. Vol. 1. 2006.

ARAÚJO, S. G. **PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE FITOTERÁPICOS COM PLANTAS MEDICINAIS DA MATA ATLÂNTICA PARA USO VETERINÁRIO**. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2013.

BORN, G. C. C. **PLANTAS MEDICINAIS DA MATA ATLÂNTICA (VALE DO RIBEIRA – SÃO PAULO): EXTRATIVISMO E SUSTENTABILIDADE**. Tese de doutorado. Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo, 2000.

CARNEIRO, C. C.; Silva, N. S.; MARINHO, M. L. **Tratamento da Sarna sarcópita em cães com hidroalcoólatura de Momordica charantia**. Agropecuária Científica no Semiárido, v. 9, p. 83-86, 2013.

CARVALHO, J. S. B.; MARTINS, J. D. L.; MENDONÇA, M. C. S.; LIMA, L. D. **USO POPULAR DAS PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DA VÁRZEA, GARANHUNS-PE**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. Vol. 13, nº 2. 2013.

LIMA, R. P.; PALITOT, K. M.; REGO, M. A. E.; XAVIER, F. J. R.; SOUZA, A. E. F. **EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ANIMAIS DE COMPANHIA E DE PRODUÇÃO DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE JURU – PB**. Revista de Biologia e Farmácia. Vol. 8. Nº 1. 2012

MARINHO, Maria G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. **LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS, PARAÍBA, BRASIL**. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu. Vol. 13. N. 2. 2011.

MARINHO, Melania L.; ALVES, M.S.; RODRIGUES, M.L.C.; ROTONDANO, T.E.F.; VIDAL, I.F.; SILVA,W.W.; ATHAYDE, A.C.R. **A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular**. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu. Vol. 9. Nº 3. 2007.

OZAKI, A. T.; DUARTE, P. C. **FITOTERÁPICOS UTILIZADOS NA MEDICINA VETERINÁRIA, EM CÃES E GATOS**. Infarma, São Paulo. V. 18. Nº11/12. 2006

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. L. A. **A IMPORTÂNCIA DOS LEVANTAMENTOS ETNOFARMACOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DE FITOMEDICAMENTOS**. Revista Racine, São Paulo, n.70, p.30-35, 2002.
> Acesso em: 24 set. 2011.

ANEXO I

Aplicador: _____

Quest. nº: _____

1. Idade: _____ Sexo: _____

2. Grau de escolaridade:

- a. Analfabeto
- b. Ensino Fundamental incompleto
- c. Ens. Fund. Completo
- d. Ens. Médio incompleto
- e. Ens. Médio completo
- f. Ens. Superior incompleto
- g. Ens. Superior completo

3. Moradia

- a. Zona Urbana
- b. Zona Rural
- c. Zona Suburbana

4. Animal:

Raça: _____ Idade: _____

5. Realiza uso de alguma planta medicinal em seu cão? () Sim () Não

a. Se não, porque?

b. Se sim, quais plantas já usou e como foi que usou?

c. Usou para tratar qual doença/enfermidade?

d. Animal melhorou? () Sim () Não

e. Notou efeito indesejável? () Sim () Não

f. Associou com medicamentos alopáticos? () Sim () Não

g. Repetiria o uso? () Sim () Não

6. Caso usou alguma planta medicinal, cite um motivo de ter optado por este tratamento alternativo